

Tatiana Ribeiro de Souza

## O PAPEL DA IDEOLOGIA NA SOCIEDADE MODERNA

**Para citação:**

SOUZA, Tatiana Ribeiro de. O papel da ideologia na sociedade moderna. Belo Horizonte: Initia Via, 2015. V. 4. Coleção Direito e Diversidade.

Montes Claros – 2015

*“Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que  
determina a consciência”  
Karl Marx*

## **SUMÁRIO**

Introdução

1. Da inversão à ideologia: evolução de um conceito na obra de Marx
2. Marxismo e Ideologia
3. Estado Moderno: entre Aparelhos Ideológicos e dispositivos
4. Profanando os dispositivos
5. Referências

**FIGURAS**

Figura 1 - Movimento da inversão em Hegel e Marx

Figura 2 - Sistema escolar capitalista

Figura 3 - Mito da caridade

Figura 4 - Mito da felicidade

Figura 5 - A foto que chocou o mundo

Figura 7 - Neutralizando dispositivo

## **Introdução**

Quando se fala em ideologia, a primeira coisa a ser feita é esclarecer o significado que se quer lançar sobre esse termo, pois, geralmente, se atribui a ele duas concepções contrárias, sendo uma considerada positiva e outra crítica ou negativa.

O que se considera como significado positivo de ideologia, predominante no senso comum, é a tomada do termo como sinônimo de ideário, ou conjunto de ideias que formam a visão de mundo de um grupo ou indivíduo e que o orienta para suas ações. A perspectiva crítica ou negativa, por sua vez, aponta para a distorção da realidade, como instrumento de dominação, sendo invariavelmente associada ao pensamento de base marxista.

Embora se use também a adjetivação 'neutra' para expressar a concepção positiva de ideologia, optei por não fazer uso dessa classificação, pois não existe acesso ao mundo exterior que não seja por meio de pré-compreensões, o que retira qualquer possibilidade de neutralidade na formação da consciência.

## 1. Da inversão à ideologia: evolução de um conceito na obra de Marx

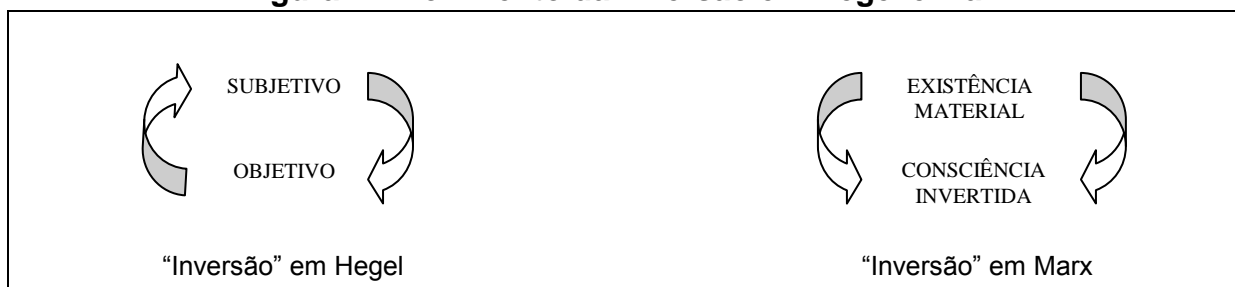
Mesmo em Marx, o conceito de ideologia não pode ser tratado como possuindo significado único, pois existem divergências relevantes sobre o termo, divergências essas decorrentes das interpretações dos escritos de Marx e Engels ao longo da formação das diversas gerações de marxistas. Para tratar do assunto, far-se-á primeiro um apontamento sobre a evolução do significado de ideologia nos escritos do próprio Marx para, depois, ampliar a análise sobre o que se escreveu com inspiração nas obras do filósofo-economista.

A obra de Marx, no que se refere ao tratamento dado ao termo ideologia, pode, segundo Jorge Larrain (2001), ser dividida em três fases. A primeira fase, que compreende o período entre seus primeiros escritos até 1844, traz apenas o termo 'inversão', que mais tarde foi associado à noção de ideologia. Essa fase se caracteriza pela influência de Hegel e Feuerbach nas reflexões de Marx. A segunda fase, que começa com o rompimento com Feuerbach, em 1845, e vai até 1857, caracteriza-se pela introdução do termo 'ideologia' em sua obra, para construção da crítica à filosofia não engajada dos jovens Hegelianos na Alemanha, sem, contudo, abandonar a ideia de 'inversão'. Na terceira fase, que vai de 1858, com a redação dos *Grundrisse*, até sua morte, a palavra ideologia quase desaparece dos escritos de Marx, que reelabora e usa constantemente o termo inversão. Essa última fase é marcada pela análise concreta das relações sociais capitalistas adiantadas, que culmina em 'O Capital'.

Na primeira fase da obra de Marx, no que diz respeito ao tratamento dado ao termo ideologia, estão presentes apenas os elementos materiais desse conceito, consubstanciados na crítica à religião, por influência do materialismo francês e de Feuerbach, e à concepção hegeliana de Estado. A palavra-chave do pensamento desenvolvido nesse período é 'inversão', que foi utilizada por Hegel como conversão do subjetivo em objetivo e vice-versa.

Ao contrário de Hegel, Marx procura mostrar que, na relação entre formas invertidas de consciência e a existência material dos homens, a fonte de inversão é a realidade que se encontra invertida. Assim, a ideia não se manifesta no mundo empírico, o Estado não é a autorrealização da ideia. Nesse caso, o Estado seria a realidade invertida, existência material, que está criando a consciência invertida.

**Figura 1 - Movimento da inversão em Hegel e Marx**



Fonte: Elaborada pela autora

Da mesma forma, Marx critica a religião ao argumentar que ela expressa as contradições do mundo real, vale dizer, a religião é também um real invertido que inverte a consciência. Tal proposição de Marx parte do princípio básico de Feuerbach de que o homem fez a religião e esta inverteu tudo ao afirmar que Deus fez o homem. A pergunta é: qual seria o propósito da inversão promovida pela religião? De acordo com o pensamento marxista, seria uma compensação, no espírito, da realidade cheia de contradições.

Foi apenas na segunda fase da reflexão sobre ideologia, no pensamento marxista, que esse termo apareceu pela primeira vez nos escritos de Marx. O sentido de ideologia aparecia como uma ampliação do termo inversão para, além de abranger a crítica à religião e à filosofia de Hegel, contemplar a crítica ao que os jovens hegelianos vinham desenvolvendo, a noção de que era necessário libertar o homem das ideias errôneas.

Em 'A ideologia Alemã', em que Marx elabora sua crítica à filosofia alemã, os verdadeiros problemas da humanidade são atribuídos às contradições sociais reais, e não às ideias errôneas. Para Marx (2006, p. 43), ao lutarem contra as ilusões da consciência (ideias errôneas), substituindo-as por outras ideias, os neo-hegelianos estavam apenas interpretando de modo diferente o que existe, sem combaterem o mundo real existente. A isso, Marx chama de 'fraseologias', vale dizer, fraseologias novas substituindo velhas fraseologias.

O contexto teórico da crítica construída por Marx à filosofia alemã é o da construção, juntamente com Engels, do "Materialismo Histórico, em que as premissas gerais de sua abordagem da sociedade e da história são desenvolvidas e a tendência feuerbachiana da primeira fase é definitivamente abandonada" (LARRAIN, 2001, p. 184). Ao afirmar que não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência, Marx considera que o idealismo dos

neohegelianos é um desserviço à sociedade alemã e chega a chamá-los de “carneiros que se julgam lobos” (Marx, 2006, p. 35), pois a filosofia que produzem não é mais do que a tradução filosófica das representações da burguesia alemã<sup>1</sup>.

Nas palavras de Jorge Larrain (2001, p. 184), ao considerar que as ‘ideias errôneas’ é que são consequências das contradições sociais, e não o contrário, o pensamento marxista era de que,

enquanto os homens, por força do seu limitado modo material de atividade, são incapazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições.

É nesse sentido que a palavra ideologia surge como um conceito negativo, como uma distorção, vale dizer, uma representação errônea das contradições. Sendo assim, as críticas filosóficas não são suficientes para superar as distorções ideológicas, que só desaparecerão quando as contradições que lhes deram origem forem resolvidas na prática.

A segunda fase é, portanto, marcada pela utilização do termo ideologia no lugar de inversão como uma forma de abranger a crítica tanto aos velhos como aos jovens hegelianos que partem da consciência, e não da realidade material, como defendia Marx.

Na terceira e última fase, Jorge Larrain (2001, p. 184-185) afirma que Marx avançou na análise específica das relações sociais capitalistas, o que o levou a concluir que a própria realidade se encontrava invertida e que a conexão entre ‘consciência invertida’ e ‘realidade invertida’ é mediada por uma espécie de aparência que é constitutiva da própria realidade.

Pode-se ilustrar tal ideia com a seguinte hipótese: imagine que uma jovem de boas condições financeiras, tendo sido educada em uma escola católica e sendo frequentadora de uma universidade privada, entrasse na loja de um Shopping Center para comprar um par de sapatos. Ao entrar no estabelecimento, é atendida por outra jovem, de condições financeiras ruins, que vive em um bairro afastado do centro

---

<sup>1</sup> No mesmo sentido, Richard RORTY, considerado um filósofo pragmatista, retoma a crítica feita por Marx em “A ideologia Alemã”, no texto intitulado “Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática” (1996) em que considera que a “crítica da ideologia” feita pelos desconstrutivistas (contemporâneos) não engajados equivaleria às “ideias errôneas” dos neo-hegelianos. Para Rorty, esse tipo de crítica é a forma mais utilizada para fazer a filosofia parecer útil na luta dos fracos contra os fortes, pois não basta dizer o que não se quer, é fundamental que se diga o que quer, sob pena de reforçar a existência material real, em vez de superá-la.



urbano e que não cursou nem tem a expectativa de cursar uma universidade, pois sua formação escolar não lhe permite acesso à universidade pública e suas condições financeiras não lhe permitem acesso ao ensino privado. Para trabalhar na referida loja essa jovem precisa se vestir adequadamente, ou seja, de forma diferente dos padrões de sua própria condição material. Por essa razão, a loja lhe oferece um uniforme e todos os acessórios indispensáveis para que mantenha uma boa aparência.

Na hipótese suscitada, antes de atender à compradora, a jovem empregada havia sido advertida por sua patroa porque, a despeito de todo aparato oferecido, a moça havia chegado à loja com uma aparência péssima. O que sua patroa não sabe é que a jovem empregada, para complementar a renda insuficiente advinda do trabalho na loja, mantém outro emprego em um restaurante que funciona até às 2h da madrugada. Depois de advertida sobre sua aparência, a jovem empregada pede emprestada a maquiagem de outra vendedora e prepara-se para o batente.

Com a chegada da jovem abastada, a vendedora, preocupada em manter seu emprego, recebe a cliente de maneira sorridente e simpática, apresentando os produtos da loja e explicando todas as vantagens de adquiri-los. A jovem compradora possivelmente se sentirá identificada com a bela e produzida vendedora, que conhece todos os benefícios de cada produto oferecido. Todas as indicações de combinações, tendências da moda e prazeres produzidos pelo consumo daqueles produtos servirão para que a jovem compradora forme uma consciência sobre o que está adquirindo. O que ela não sabe é que a realidade a que teve acesso está inteiramente invertida.

Ao contrário do que parece, a vendedora não possui nenhum daqueles produtos, que estão muito acima da sua condição econômica, não se veste daquela forma e não acompanha as tendências da moda que conhece com tanta propriedade. O sorriso estampado em seu rosto também esconde seu verdadeiro estado físico e de espírito, ambos consumidos pelo excesso de trabalho e pelas preocupações de toda ordem, dada sua condição econômica.

O que se pode extrair do episódio narrado é que a jovem compradora construirá uma ideia invertida do real, tendo em vista que o real que se lhe apresenta está também invertido. A jovem vendedora não se veste tão bem quanto aparenta, seu jeito sorridente e simpático esconde a realidade em que se encontra e os produtos que demonstra conhecer bem nunca foram usados por ela. As aparências

que ocultam a realidade constituem essa mesma realidade, não permitindo que a jovem compradora perceba que a realidade à qual tem acesso está invertida.

O leitor poderia contradizer a hipótese narrada argumentando que nenhuma jovem compradora, com os atributos apresentados seria ingênua a ponto de achar que a jovem vendedora é como ela, o que tornaria inválido o argumento da realidade e da consciência invertidas. Contudo, o que está em questão não é se a jovem compradora acredita naquelas aparências, mas a certeza de que ela não compraria em uma loja onde elas não estivessem presentes.

O problema maior do mundo das aparências constituído pela economia capitalista é que ele só é capaz de reproduzir aparências, de modo que toda realidade construída a partir dele só pode estar invertida. Na política e no Direito esse mundo de aparências serve como base, por exemplo, para a defesa dos ideais 'universais' da liberdade e da igualdade, que escondem o fato de que a jovem vendedora não é livre como a jovem compradora, tampouco se iguala a ela.

Observa-se que, nas três fases apontadas por Larrain (2001), a ideia da dupla inversão, da consciência e da realidade está presente, ainda que, na terceira fase, apareça de forma mais complexa em razão do duplo aspecto da realidade no modo de produção capitalista, a realidade oculta e a realidade invertida. De qualquer forma, o termo ideologia mantém, ao longo da obra de Marx, a conotação crítica e negativa.

## **2. Marxismo e Ideologia**

As tradições teóricas construídas a partir do pensamento de Marx conferiram usos diferenciados ao termo ideologia, ora atribuindo conotação negativa ora positiva. Não se trata, contudo, de alguns marxistas terem entendido melhor do que outros o que Marx quis dizer em seus escritos. A pretensão de saber o que um teórico quis dizer, além de uma tarefa inglória, porque impossível, parece inútil quando a importância do trabalho do teórico está na provocação causada para reflexão e não na fixação do sentido das suas ideias.

Toda leitura precisa ser contextualizada no tempo e no espaço, pois é preciso levar em consideração o universo de significados ao qual o autor lido tinha acesso quando escreveu. Fazer uma crítica ao Estado Social de Direito, por exemplo, usando uma passagem escrita por um contratualista é, na melhor das hipóteses, um

equivoco. Trata-se, na verdade, de desonestidade intelectual se aquele que fez a citação entende a diferença temporal entre um autor absolutista, um contratualista, um neoliberal e um social democrata do pós Segunda Guerra.

É perfeitamente possível estabelecer uma leitura crítica ao pensamento de Marx sem afirmar que o filósofo estava errado, pois um marxista que escreve no Século 21 teve acesso à experiência do socialismo real a que Marx não teve, de modo que dispõe de dados aos quais Marx não teve acesso. Neste trabalho, por exemplo, considera-se que, ao atribuir a causa da consciência invertida exclusivamente às condições materiais de existência, Marx desconsiderou fatores simbólicos que a experiência do socialismo real revelou essenciais para a construção da consciência coletiva.

O problema do estudo sobre os estudos de outras pessoas, prática que dá origem às escolas, a exemplo das escolas cartesianas, hegelianas, kantianas, habermasianas, derridianas, Kuhnianas, entre outras, é a tentativa permanente de alcançar o maior número de acertos na interpretação do pensamento do autor estudado. O que se fez no capítulo anterior, denominado 'Da inversão à ideologia: evolução de um conceito na obra de Marx' foi apenas mais uma interpretação marxista, pois somente o próprio Marx poderia dizer o que é inversão e ideologia no seu pensamento. A leitura de um texto é sempre um diálogo entre o leitor e todas as suas pré-compreensões, perspectivas e vivências com o texto. Essa crítica à tentativa de apropriação da verdadeira intenção de Marx, ou de qualquer outro teórico, não invalida as discussões em torno da sua obra, apenas denota que não se trata de buscar a verdade sobre o pensamento do teórico, mas de estabelecer um diálogo com as diversas reflexões a respeito do tema. Assim, a importância do diálogo entre várias interpretações sobre ideologia se dá pela contribuição que cada uma oferece para a construção de um pensamento crítico sobre a realidade e, por consequência, sobre a produção do Direito que regula essa realidade.

No início do Século 20, os Estados estavam empenhados em encontrar uma alternativa ao capitalismo liberal, cujo modelo parecia dar sinais de esgotamento. As alternativas variaram da versão mais à esquerda, expressa pela Revolução Socialista, até a versão mais à direita, expressa pelo nazi-fascismo, passando pelo modelo conciliador de centro-esquerda social democrata. No sentido positivo, cada modelo de Estado que emergia diante da crise do capitalismo liberal constituía uma

nova ideologia, resultando em um período fértil de alternativas à ideologia dominante.

Nas palavras de Slavoj Žižek (1996, p. 7)<sup>2</sup>, a partir da década de 1990, no entanto, “ninguém mais considera seriamente as possíveis alternativas ao capitalismo, enquanto a imaginação popular é assombrada pelas visões do futuro ‘colapso da natureza’, da eliminação de toda a vida sobre a terra”. Não parece curioso, o fato de que, coincidindo com o ceticismo ideológico, as previsões de um colapso da natureza e a conseqüente eliminação da vida sobre a Terra sejam mais facilmente aceitos do que o fim do capitalismo? Essa ausência de ideologias é a ideologia que melhor pode explicar a força da estrutura moderna de Estado e seu papel na formação do Direito Internacional.

A estrutura moderna a que se refere este livro está apoiada sobre dois pilares: a presunção de verdade e a naturalização das coisas. O que não se vê em tal estrutura é que tais ‘verdades’ são construções ideológicas feitas por aqueles que se consideram os únicos com acesso a elas, como os cientistas, intelectuais, políticos e empresários. Ao se apropriarem das ‘verdades’, aqueles que têm o poder de dizê-las promovem o dogma do ‘isso sempre foi assim e continuará sendo’. Esse modelo faz com que práticas histórico-culturais pareçam naturais, como o monoteísmo, a monogamia, a heterossexualidade, o Estado etc.

A ideologia no sentido negativo só existe em função da naturalização das coisas, típica do pensamento moderno. Ao fazer com que certas práticas pareçam naturais, o ideário moderno cria uma lógica própria, capaz de oferecer, para qualquer situação, respostas coerentes com esse sistema. É desta forma que a ideologia no sentido negativo atua: ela automatiza a interpretação sobre tudo, de modo a garantir a sobrevivência do sistema dominante. A forma mais eficaz de fazer isso é convencendo de que existe uma forma de pensar que é a única não ideológica e por isso a única correta, o que talvez explique a aparente condição atual de falta de ideologias.

Na tentativa de compreender por que o termo ideologia tornou-se obsoleto, especialmente após uma década (referindo-se aos anos 1980) marcada pelo ressurgimento notável de movimentos ideológicos no mundo todo, Terry Eagleton (1997) enumerou, no Primeiro Capítulo do seu livro ‘Ideologia. Uma introdução’, 16 conceitos distintos de ideologia:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;

---

<sup>2</sup> Citando Fredric Jameson.

b) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social; c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante; d) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante; e) comunicação sistematicamente distorcida; f) aquilo que confere certa posição a um sujeito; g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais; h) pensamento de identidade; i) ilusão socialmente necessária; j) a conjuntura de discurso e poder; k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo; l) conjunto de crenças orientadas para a ação; m) a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal; n) oclusão semiótica; o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social; p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

As ambiguidades presentes nos conceitos de ideologia evidenciadas na enumeração feita por Eagleton já estavam presentes nos escritos de Marx e Engels, que se referiram algumas vezes à ideologia como termo mais amplo do que o de um conceito negativo. Acrescente-se a isso que as primeiras gerações de marxistas não tiveram acesso ao texto 'A ideologia Alemã', que permaneceu inédito até 1920 e no qual a conotação negativa de ideologia fica bastante clara. Nas palavras de Larrain (2001, p. 185),

(...)Plekhanov, Labriola e, mais significativamente, Lenin, Gramsci e o Luckács dos primeiros escritos não estavam familiarizados com a argumentação mais vigorosa de Marx e Engels em favor de um conceito negativo de ideologia. Na ausência dessa obra, os dois textos mais influentes para a discussão do conceito eram "Prefácio" de 1859, de Marx, e o Anti-Dühring, de Engels, frequentemente citados pelas novas gerações de marxistas. Não obstante, esses dois textos encerram ambiguidades importantes e não estabelecem uma distinção adequada entre a relação base-superestrutura e o fenômeno ideológico.

A contribuição de Eagleton para o debate sobre ideologia se deve, principalmente, à quantidade de questões que se podem levantar a partir dos diferentes conceitos enumerados por ele, tais como: De que forma a ideologia pode representar qualquer conjunto de crenças orientadas para a ação e ser, ao mesmo tempo, ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante? Se ideologia é o processo de produção de significados e, ao mesmo tempo, ilusão socialmente necessária, é porque todo significado é ilusório? Se ideologia é um conjunto de ideias falsas, pode-se concluir que algumas pessoas possuem as ideias verdadeiras? Se ideologia são ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante e esse poder político é substituído, ele deixará de ser ideologia? Todo poder que se torna dominante é ideologia? E os demais poderes, não são ideologias também? Se ideologia são ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante, então todo poder político dominante se constrói sobre ideias falsas?

Outras perguntas poderiam ser acrescentadas, caso estivesse em questão o conceito adequado de ideologia. No entanto, importa, para a análise que se quer fazer neste livro, deixar claro qual dos possíveis conceitos de ideologia é o utilizado aqui, que é o de ideologia como ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante.

Sem desconsiderar a importância da contribuição de teóricos como Theodor Adorno, Peter Dews, Michel Pêcheux, Bryan Turner, Göran Therborn, Pierre Bourdieu, entre outros, para a reflexão sobre ideologia, a análise da ideologia como elemento de formação do Estado Moderno partirá dos trabalhos de Louis Althusser (1985), Giorgio Agamben (2009), Slavoj Žižek (1996) e do próprio Marx (2006).

A contribuição dada por Marx, pelo uso feito dos termos inversão e ideologia, além da Teoria do Materialismo Histórico, se deve principalmente a dois fatores: sua influência sobre as demais teorias a serem exploradas e seu caráter eminentemente moderno, o que permitiu uma reflexão da modernidade a partir dela mesma. Somente pela compreensão da lógica moderna, que fica bastante evidenciada nas tradições marxistas, é que se pode tentar superá-la. Quanto aos demais teóricos trazidos a esse debate, pode-se destacar sua contribuição por meio dos conceitos de Aparelhos Ideológicos de Estado, formulados por Althusser, de dispositivo e profanação, desenvolvidos por Agamben, além da perspectiva psicanalítica, proporcionada por Žižek.

### **3. Estado Moderno: entre Aparelhos Ideológicos e dispositivos**

Qualquer aprendiz de empresário sabe que o resultado econômico de sua atividade precisa levar em consideração os custos da produção para que se apure e distribua os lucros e, se for o caso, se faça novos investimentos. Mesmo uma criança, que tenha recebido algum produto para comercializar, sabe que, se gastar todo o dinheiro recebido pela venda do produto, não voltará a vendê-lo, a menos que os receba graciosamente mais uma vez. Mais do que isso, ela sabe que precisa vender cada produto por valor superior àquele que consegue pagar pela unidade ao seu fornecedor. Se a criança vende laranjas, sabe que, ao final do dia, antes de gastar o dinheiro que obteve, precisa reservar o necessário para comprar pelo menos o mesmo tanto de laranjas para que ganhe o mesmo que obteve naquele dia.

Transportando essa simples equação para a realidade social, pode-se afirmar que uma formação social não sobreviverá a menos que reproduza as condições de produção ao mesmo tempo em que as produz. A criança da hipótese mencionada está produzindo ao se dispor a vender laranjas durante o período em que não está na escola. Contudo, ela precisa garantir que, nos dias subsequentes, terá dinheiro para comprar novamente o produto que revende e que não terá outro compromisso no horário reservado para a atividade produtiva. Toda medida tomada para que sejam mantidas as condições necessárias para sua produção constitui o sistema de 'reprodução das condições de produção'.

Em uma escala muito mais complexa, um sistema-mundo se mantém enquanto for capaz de reproduzir as condições de produção do que o constitui. O que se pode observar ao longo da análise feita neste livro é que os traços comuns do sistema-mundo que gerou o Direito moderno permanecem sendo reproduzidos, de modo que não se poderá falar em um Direito pós-moderno sem que se desconstrua esse sistema de reprodução.

Sobre a reprodução dos sistemas, em um diálogo bastante interessante, Sally, da turma do Snoopy, propõe uma indagação de profundidade filosófica, para Linus, na Figura 2, tirinha que tem circulado nas redes sociais:

**Figura 2 - Sistema escolar capitalista**



Fonte: Facebook, 2012

Louis Althusser (1985) responderia à questão formulada por Sally afirmando que se trata de uma ideia do capitalismo, pois, entre os meios necessários para a

força de trabalho se reproduzir, estão o salário e a qualificação. Nas palavras de Althusser (1985, p. 57),

Ao contrário do que ocorria nas formações sociais escravistas e servis, esta reprodução da qualificação da força do trabalho tende (trata-se de uma lei tendencial) a dar-se não mais no “local de trabalho” (a aprendizagem da própria produção) porém, cada vez mais, fora da produção, através do sistema escolar capitalista e de outras instâncias e instituições.

O sistema escolar capitalista faz parte de uma rede de mecanismos que integra o aparelho do Estado, que é diferente de ‘poder do Estado’. A diferença pode parecer muito sutil, mas é de extrema importância para o que se sustenta aqui. Ainda que haja mudanças no poder do Estado, o que tem favorecido a subsistência do sistema-mundo moderno, ocidental, cartesiano, judaico-cristão, capitalista, é a permanência do aparelho do Estado.

A contribuição fornecida por Althusser no campo da ideologia consiste, essencialmente, na sistematização teórica daquilo que os clássicos do marxismo trataram na prática política. Nas palavras do próprio Althusser (1984, p. 67),

Para fazer avançar a teoria do Estado é indispensável ter em conta não somente a distinção entre **poder de Estado** e **aparelho de Estado**, mas também outra realidade que se manifesta junto ao aparelho (repressivo) do Estado, mas que não se confunde com ele. Chamaremos esta realidade pelo seu conceito: **os aparelhos ideológicos do Estado**. (Grifos do autor).

Quando o autor fala em uma realidade que se manifesta junto ao Aparelho Repressivo do Estado, mas que não se confunde com ele, está claramente distinguindo ‘os Aparelhos Ideológicos do Estado’ (AIE) do aparato tratado pela teoria marxista como ‘aparelhos de Estado’, que consistem em governo, administração, exército, prisões, entre outros organismos. Althusser se refere a um conjunto institucional muito mais sofisticado que os aparelhos de Estado, porque estão fora do domínio público, e, portanto, à margem do interesse público, como as igrejas, os partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais, entre outros.

A questão que se coloca é: em que, essencialmente, os AIE se distinguem do Aparelho (repressivo) do Estado, uma vez que a própria distinção entre público e privado é questionável? Louis Althusser (1984, p. 69) explica que “o Aparelho repressivo do Estado funciona através da violência ao passo que os aparelhos Ideológicos do Estado funcionam através da ideologia”.



Sendo os Aparelhos Ideológicos do Estado instituições distintas e especializadas, Althusser (1985) enumerou em sua teoria 8 destacados aparelhos:

- 1- AIE Religiosos;
- 2- AIE escolar;
- 3- AIE familiar;
- 4- AIE jurídico;
- 5- AIE político;
- 6- AIE sindical;
- 7- AIE de informação e
- 8- AIE cultural.

Ao retomar a proposta inicial de Marx, apresentada como sendo a primeira fase da sua perspectiva sobre a ideologia, os AIEs enumerados por Althusser seriam apenas os meios pelos quais a inversão da realidade é promovida nas consciências. De uma forma muito aproximada da proposta de Althusser, Giorgio Agamben (2009, p. 33) fala em 'dispositivo', termo técnico que remete à estratégia do pensamento de Foucault.

Como Foucault nunca elaborou uma definição de dispositivo, Agamben (2009, p. 28) cita uma entrevista de 1977, na qual Foucault se expressa da seguinte forma:

Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos [...].

Claramente o 'dispositivo' de que fala Agamben tem sentido mais amplo do que os "Aparelhos Ideológicos de Estado" de Althusser e até mesmo do que o sentido originalmente dado ao termo por Foucault. Para Agamben (2009, p. 40), dispositivo passa a ser "qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Nesse contexto, enquanto Foucault fala em prisões, manicômios, panóptico, escolas, confissão, fábricas, disciplinas, medidas jurídicas, entre outros dispositivos, Agamben (2009, p. 41) também considera como tal a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e a própria linguagem.

A nação e todos os seus símbolos (bandeira, hino, heróis etc.), por exemplo, são dispositivos discursivos importantes para a manutenção do sistema de Estados tal como se apresenta atualmente, o que pode ser melhor compreendido a partir do conceito de dispositivo de Agamben. O nacionalismo tem sido uma forma bastante eficaz de orientar as condutas, as opiniões e os discursos, constituindo uma realidade invertida, como dizia Marx. No ano de 2011, por exemplo, o casamento do filho do Príncipe de Gales e neto do Duque de Edimburgo, Príncipe William Arthur Philip Louis com a plebeia Catherine Middleton, que se tornaram duque e duquesa de Cambridge, pareceu bastante conveniente para reacender o sentimento de ser britânico, fundamental para a manutenção do Reino Unido, ameaçado pelo movimento escocês de independência. Os dispositivos, tais como o discurso nacional e os Aparelhos Ideológicos de Estado, são os meios pelos quais se promove a inversão da qual falava Marx, pois são eles que criam os sistemas de referências.

Os fenômenos em geral (todo tipo de acontecimento, seja fato ou ato) são acessados por meio de referências, que dão significado a eles. Sobre essa questão há uma passagem interessante no desenho inspirado no conto de Hans Christian Andersen sobre uma jovem sereia disposta a deixar sua condição originária para se tornar humana e, assim, casar-se com um príncipe. Depois de encontrar objetos dos humanos no fundo do mar, mais precisamente um garfo e um cachimbo, a jovem sereia nada até a superfície a fim de obter informações de 'Sabichão', seu amigo gaivota, sobre os objetos encontrados. Como os objetos dos humanos não fazem parte do universo de significados da sereia e tampouco da gaivota, Sabichão tenta resgatar na memória o significado dado àqueles objetos pelos humanos, para explicar à amiga sereia a utilidade de cada um deles, o que nem sempre dá certo. Na cena em que o garfo e o cachimbo são encontrados pela Sereia e Linguado (seu amigo peixe), produz-se o seguinte diálogo entre eles e Sabichão:

Sereia: - Veja o que achamos!

Linguado: - Lá no navio naufragado. E foi de arrepiar!

Sabichão: - Coisas de humanos, não é? Ah, eu também quero ver. Olha só! Puxa, isso é especial, é uma coisa muito rara!

Sereia: - O que é isso?

Sabichão: - É uma "brugunzumba". Os humanos usam essa maravilha para endireitar o cabelo.

Sereia: - E esse outro aí?

Sabichão: - Ah, esse aqui fazia anos que eu não via. Isso é maravilhoso! É um belo e raro 'chimbaco'. E esse 'chimbaco' vem dos tempos pré-históricos em que os humanos sentavam e olhavam um pro outro o dia todo. Era muito monótono! Então, eles inventaram esse 'chimbaco' para fazer belas músicas. Também pode usar para botar planta ou coisa assim.

Enquanto, para a sereia, aqueles objetos não faziam qualquer sentido, Sabichão, que mantém um contato mais direto com os humanos, possui um sistema de referências capaz de produzir significados ou, na falta desses, coerência às circunstâncias que se lhe apresentam. Em outra cena, a Sereia tenta pentear o cabelo com um garfo, que, a partir da explicação de Sabichão, passou a fazer parte do seu universo de significados, independentemente de qual fosse esse significado. O que se quer demonstrar é que aquilo que estava fora do mundo de compreensão da Sereia não podia ser apreendido por ela, mas, depois de receber significado, entrou no seu universo de referências.

É por isso que, quando se lê um livro, assiste a um filme ou admira uma obra de arte pela segunda vez, encontram-se novos elementos constitutivos do livro, do filme ou da obra de arte. Quanto maior o intervalo de tempo entre as duas miradas, maior será a diferença entre os dois acessos, pois o sistema de referências do leitor/telespectador/observador provavelmente terá sido ampliado pelas novas vivências e, por consequência, novas referências terão sido adquiridas. É por isso que a psicanálise distingue o real da realidade apresentando aquele como o fenômeno, que é inacessível, e esta como o que se extrai do real a partir das referências do sujeito.

Citando Lacan, Slavoj Žižek (1996, p. 26) explica que o que se vivencia como "realidade não é a 'própria coisa', é sempre já simbolizado, constituído e estruturado por mecanismos simbólicos". Todavia, naquilo que é real, existe uma parte não abarcada pelo simbólico, vale dizer, não contemplada pelo universo de significados que constituem o sujeito. É exatamente nesse campo não abarcado pelo simbólico que a ideologia (no sentido negativo) atua, completando (com um conjunto de crenças) a realidade e lhe dando coerência.

A citação de Lacan, feita por Žižek, corresponde, no texto referido, a uma resposta à proposição de Jacques Derrida, feita na obra '*Spectres de Marx*', ao termo 'espectro' "para indicar a pseudo-materialidade que subverte as oposições

ontológicas clássicas entre realidade e ilusão” (ŽIŽEK, 1996, p. 26). Em outras palavras, não existe realidade sem espectro, pois a simbolização do real é sempre incompleta, falha. Neste sentido, o ‘espectro’ derridiano pode ser entendido como as lacunas que separam a realidade do real.

Voltando à cena do desenho animado, o real era a existência de um garfo, produzido para um grupo de humanos fazer suas refeições, e um cachimbo, produzido para consumo de fumo. A realidade inicialmente construída pela sereia foi a de ter encontrado mais objetos estranhos e encantadores para sua diversificada coleção de ‘coisas dos humanos’. No segundo momento, há uma mudança da realidade inicialmente construída, pois Sabichão vive em um sistema de referências que proporciona a ele o preenchimento das lacunas deixadas pelo que seu universo de significados não é capaz de apreender do real. Logo, a realidade espectral do episódio narrado teve seu significado completado pelo conjunto de ideias já existentes no campo de saber da gaivota. Esse preenchimento da realidade espectral para dar sentido ao real parcialmente apreendido é o que se considera aqui como ideologia.

Em outro exemplo, podem-se imaginar duas realidades distintas, construídas a partir do mesmo real. Imagine que dois turistas brasileiros, de orientação política oposta, tenham ido passar as férias em Cuba, sendo um professor de história, de inclinação teórica marxista, e o outro liberal conservador, empresário do ramo de calçados. Embora os dois tenham acesso ao mesmo real, construirão realidades distintas. Enquanto o turista de orientação política marxista voltará impressionado com a formação intelectual de altíssimo nível e a resistência do povo cubano ao bloqueio econômico estadunidense, o outro turista, liberal conservador, voltará horrorizado com o capital social desperdiçado em um país pobre em decorrência da opção política equivocada do seu governante.

A realidade construída por ambos estará limitada ao universo de significados construído ao longo da sua formação. O espectro, ou parte do real, sem correspondência nas pré-compreensões existentes, serão preenchidas pelo conjunto de crenças capazes de conferir coerência à realidade apreendida. Nesse ponto, retoma-se a questão conceitual explorada por Eagleton: então, ideologia significa qualquer conjunto de ideias? Cada um dos turistas estará apreendendo a realidade a partir de suas respectivas ideologias?

No sentido positivo de ideologia, sim, cada um construirá a realidade a partir da sua ideologia. No sentido negativo, apenas o turista liberal conservador estará sob o efeito da ideologia, pois é ele quem representa o preenchimento da realidade espectral com os significados desenvolvidos pelo sistema hegemônico, que inverte a realidade.

No sentido empregado neste livro ideologia está intrinsecamente ligada ao modelo econômico capitalista. Na concepção de Marx, ideologia é um conceito desenvolvido para uma sociedade de classes, porque para ele:

a ideologia propriamente dita só emerge com a divisão do trabalho e a cisão das classes, quando as ideias “erradas” perdem seu caráter “imediato” e são elaboradas pelos intelectuais, a fim de servir (para legitimá-las) às relações de dominação existentes. (ŽIŽEK, 1996, p. 24).

Ideologia, como consciência invertida, é o resultado da ação dos dispositivos dos quais fala Agamben. Nas palavras do filósofo italiano, além de caracterizar-se como a rede que se estabelece entre elementos formadores da consciência, “o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder”. Ademais, o dispositivo “resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber” (AGAMBEN, 2006, p. 29).

Em outro filme, ‘Os que chegam com a noite’, podem-se encontrar duas cenas também ilustrativas da ideologia como instrumento do sistema de formação dos significados a serviço da inversão da realidade. Na história retratada pelo filme, duas crianças têm a sua guarda entregue para um tio solteiro, uma vez que seus pais faleceram em um acidente na África. Como o tio não gosta de crianças, mantém os sobrinhos na casa de campo de seus pais sob os cuidados de uma governanta, uma professora particular e um cavaliço. A primeira cena ilustrativa do papel da ideologia é aquela na qual Quint, o perverso cavaliço, durante um passeio com as crianças, coloca um charuto na boca de um sapo e explica:

Quint: - Estão vendo. Ele gosta. Só Deus sabe o motivo. Deve ser porque é quente.

Menino: - Como é que você sabe todas essas coisas?

Menina: - Quint, o que acontecerá com ele?

Quint: - Espere e veja.

Menina: - Está inchando! Está ficando mais gordo!

Quint: - Quanto mais ele fuma, maior ele fica. Como ele não deixa de gostar ele continua fumando. Mas... acho que ele está feliz com isso.

Aos poucos o sapo, que não é capaz de tirar o charuto da boca, incha até estourar. A menina sai correndo desesperada com o que viu e depois é amparada pelo irmão, que lhe pede para não ser medrosa, pois o sapo estava gostando. Afinal, Quint disse e ele sempre está certo.

Em outra cena do mesmo filme, o menino se depara com um dilema: se deixar sua tartaruga solta enquanto dorme, ela fugirá. Então, ele a coloca de cabeça para baixo, de modo que não pudesse sair do lugar. Sua irmã, deitada na cama ao lado, afirma que, daquele jeito, a tartaruga morreria, ao que ele contradiz alegando que, naquela posição, ela estaria segura. A menina pergunta quem disse isso e ele responde: Quint.

Como se pode observar, nas duas cenas do filme existe um motor de formação do saber, que é Quint, que provê a necessidade das crianças de significação do mundo por meio de certezas que produzem a inversão do real. Nesse contexto, Quint atua formando a ideologia, no sentido de distorção, tal como acontece no sistema de significação do mundo desenvolvido pela modernidade.

A ideia de espectro, extraída por Žižek do trabalho de Derrida, ganha uma forma interessante na análise dos dispositivos feita por Agamben, que leva à percepção do atual estágio do capitalismo. Há, para Agamben (2009, p. 14), uma importante distinção entre os dispositivos tradicionais e hodiernos, porque resultam em dinâmicas sociais distintas de produção de subjetividades. Enquanto os dispositivos tradicionais (confissão, prisão, escola, exército, entre outros) vinham promovendo um ciclo completo de subjetivação, os dispositivos hodiernos (televisão, internet, celular, câmeras, entre outros) vão subjetivando e dessubjetivando sistematicamente, formando o que ele chama de 'sujeito espectral'.

Comparando com a ideia de realidade espectral, seria possível dizer que o sujeito espectral é aquele da lacuna, ou o sujeito que precisa de algo fora dele e do real que lhe dê sentido. O sujeito moderno, por excelência, é programado para desenvolver certezas a partir das 'verdades' construídas pelo próprio sistema moderno e agir com disciplina, adequando-se ao sistema de normas que vai indicar o que é ser 'normal'. A formação desse sujeito vem sendo trabalhada, ao longo da modernidade por meio de diversos dispositivos que conformam a subjetividade ao que o sistema precisa para se reproduzir. Na perspectiva de Agamben (2009, p. 1314), esse vinha sendo o ciclo tradicional de subjetivação completa dos seres viventes.

Todavia os dispositivos hodiernos, como os celulares, a internet, as redes sociais virtuais, a televisão, entre outros, vêm modificando o padrão de subjetivação que vinha se desenvolvendo até o Século 20. Segundo Agamben (2009, p. 48)

aquele que se deixa capturar no dispositivo “telefone celular”, qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número pelo qual pode ser, eventualmente controlado; o espectador que passa suas noites diante da televisão recebe em troca da sua dessubjetivação apenas a máscara frustrante do zapping ou a inclusão no cálculo de um índice de audiência.

Ademais, o processo incompleto de subjetivação, descrito por Agamben, permite que um mesmo indivíduo possa ser o lugar de múltiplos processos de subjetivação, fazendo da dessubjetivação uma consequência inescapável. O autor afirma que um mesmo sujeito pode ser, ao mesmo tempo, “o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não global etc” (AGAMBEN, 2009, p.41).

O uso que se tem feito da rede social *facebook* é um bom exemplo da dessubjetivação de que fala Agamben. Ao fazer uma postagem sobre qualquer futilidade, imediatamente dezenas de ‘amigos’ na rede manifestarão um impessoal “curti”, que servirá apenas para integrar um número ‘x’ de ‘curtidas’. Muitas vezes, o excesso de informações provenientes das postagens dos ‘amigos’ leva o internauta a sair indiscriminadamente ‘curtindo’ tudo que passa rapidamente pela sua tela, seja do computador ou do celular.

No mesmo sentido da dessubjetivação, Stuart Hall (2001) fala sobre a crise de identidade no que chama de ‘pós-modernidade’<sup>3</sup>, crise essa que ele atribui ao declínio das velhas identidades, do ‘sujeito unificado’, que emergiu em um momento particular, mas que revela sinais de esgotamento. Para Hall, na mesma medida em que a modernidade proporcionou o nascimento do sujeito em sua individualidade e a identidade unificada pelo discurso de nacionalidade, é muito provável que seja também responsável pela morte desse sujeito/indivíduo/nacional, o que caracterizaria a ‘pós-modernidade’.

A crise da identidade iluminista, que para Hall (2004) é indicativo da superação da modernidade, teria sido causada, principalmente, pelas mudanças no quadro de referência, que dava aos indivíduos modernos uma ancoragem estável no

---

<sup>3</sup> A ideia de que se vive atualmente na pós-modernidade, evidentemente, não está de acordo com a perspectiva deste livro, que sustenta o argumento de que o mundo ainda se encontra mergulhado na modernidade.

mundo social. O sujeito 'pós-moderno', ao contrário, não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas assume diferentes identidades em diferentes momentos. E se as identidades têm mudado de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, essa crise de identidade sinaliza para uma identificação não automática, permitindo uma constante recriação do sujeito.

#### 4. Profanando os dispositivos

O sujeito sem identidade fixa, de que fala Hall, é provavelmente o mesmo sujeito espectral de que fala Agamben, embora este não atribua ao processo subjetivação/dessubjetivação qualquer responsabilidade na superação da modernidade. Por outro lado, o sujeito espectral, que corresponde à fase atual do capitalismo, segundo Agamben (2009, p. 42), serve para multiplicar os dispositivos. A questão colocada pelo autor é: “De que modo, então, podemos fazer frente a essa situação, qual a estratégia que devemos seguir no nosso cotidiano corpo a corpo com os dispositivos?”

A solução apresentada por Agamben (2009, p. 44) é a profanação, conceito que vem trabalhando recentemente para designar a retomada daquilo que foi transformado em sagrado e separado do livre uso dos mortais. Como explica o autor:

Segundo o direito romano, sagradas ou religiosas eram as coisas que pertenciam de algum modo aos deuses. Como tais, eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens, não podiam ser vendidas, nem penhoradas, cedidas ao usufruto ou gravadas em servidão. Sacrilégio era todo ato que violasse ou transgredisse esta especial indisponibilidade que as reservava exclusivamente aos deuses celestes (e eram então chamadas “sagradas”) ou inferiores (neste caso, chamavam-se simplesmente “religiosas”). (AGAMBEN, 2009, 44-45).<sup>4</sup>

Portanto aquilo que saía da esfera do direito humano tornava-se sagrado uma vez que havia sido consagrado (*sacrare*) aos deuses. Em sentido contrário, devolver o que havia se tornado sagrado ao uso e propriedade dos homens consistia em profanar.

---

<sup>4</sup> Essa mesma explicação encontra-se também na página 65 do livro 'Profanações', no capítulo intitulado 'Elogio da Profanação' (AGAMBEN, 2007, 65-79). Note-se apenas que a tradução para o português que foi transcrita fala em *deuses celestes ou inferiores*, enquanto a tradução em 'Profanações' fala em deuses celestes ou infernais. A versão em inglês, do 'Profanations' (na página 73) fala em *celestial gods or gods of the underworld*.



Para explicar o processo de sacralização, que retira do livre uso objetos, ideias e até lugares, Agamben (2007, p. 65-66) resgata o significado de religião, que passou a ser associado à ideia de religação dos homens com Deus, como resultado de uma etimologia 'insípida e inexata' (nas palavras do autor) que considera *religio* derivado de *religare*. A teoria sustentada por Agamben (2007, p. 66) é de que *religio* não deriva de *religare*, mas de *relegere*,

que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar a relação com os deuses, a inquieta hesitação (o "reler") perante as formas – e as fórmulas – que devem observar a fim de respeitar a separação entre o sagrado e o profano.

Nesse sentido, religião é aquilo que cuida para que se mantenha distinto e não religação entre os homens e Deus. Religião é "aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada". (AGAMBEN, 2007, p. 65).

Observe-se que o parágrafo anterior começa com a expressão 'nesse sentido'. O que se quer destacar é que 'esse' ou 'aquele sentido' de religião não fazem parte da palavra (significante), mas do uso que se faz dela e da forma como é interpretada. Se Agamben acertou ou errou na origem etimológica da palavra 'religião', não vem ao caso, mas importa que o raciocínio a ser desenvolvido aqui leva em consideração religião como aquilo que se separa do livre uso.

Antes de prosseguir no raciocínio da relação entre religião, dispositivo e profanação, vale a pena tecer alguns comentários sobre a ambiguidade das palavras e seus efeitos. Um aluno submetido à rotina de trabalhos escolares, por exemplo, é convidado diariamente a alternar as atividades coletivas com as individuais. Diante disso, uma dessas crianças propõe a seguinte indagação à sua mãe: Qual é o significado da palavra 'pessoal'? A pergunta se refere ao fato de que, quando as crianças da sua sala são conduzidas para as atividades coletivas, a professora convoca o 'pessoal', que significa todos, mas quando se trata de trabalho individual, são chamadas ao 'trabalho pessoal', no sentido do particular. Afinal, 'pessoal' significa junto ou sozinho?

Outros tantos exemplos poderiam ser enumerados, tanto na língua portuguesa como em outras línguas, como o adjetivo 'raro', em espanhol, que pode significar um prato delicioso (tendo sentido positivo) ou uma pessoa estranha (tendo sentido negativo). No francês, não existem palavras distintas para indicar boa sorte e má sorte, como acontece em português, em que se usam as palavras sorte e azar, com

sentidos opostos. Em francês, cada pessoa tem apenas a sua ‘chance’, que pode ser ‘*bonne chance*’ ou ‘*malchance*’, que pode designar coisas contrárias dependendo do complemento.

É possível fazer um jogo com as palavras de modo que o significado desejado seja melhor compreendido por meio do seu contrário. Explica-se: na língua portuguesa, por exemplo, esse recurso é comum para se distinguir entre o uso de mau (com ‘u’) ou mal (com ‘l’), hipótese em que se verifica a adequação de um ou outro pelo confronto com o oposto do que se quer dizer. Se o oposto do que se quer dizer for ‘bom’, então o correto é usar ‘mau’, mas se o oposto for ‘bem’, o correto é usar ‘mal’.

Partindo da lógica dos opostos como mecanismo de compreensão do significado das coisas e considerando que existem pessoas religiosas e pessoas não religiosas, como entender o que fazem as pessoas religiosas? Simples: identificando o que elas fazem que as pessoas não religiosas não fazem. Uma pessoa autenticamente religiosa, cristã, por exemplo, vai à igreja, adora a Deus, procura manter um comportamento dentro dos parâmetros determinados pela sua religião, reza e segue outros ritos. Ao contrário, uma pessoa não religiosa não vai à igreja, não adora a Deus, não segue o comportamento designado pela religião, não reza e não segue os demais ritos religiosos. A conduta do não religioso é, portanto, negligente em relação à religião, ou seja, ele não mantém hábitos distintos, separados, como fazem os religiosos.

Com a comparação acima, tenta-se esclarecer o sentido de religião como “aquilo que cuida para que se mantenham distintos” (AGAMBEN, 2006, p. 66) e não como aquilo que religa o homem a Deus. Algum leitor poderia propor uma relação diferente, sustentando que, se o não religioso é aquele que está separado de Deus, religião significaria ‘*religare*’, como pretende a outra teoria acerca da definição da palavra. Todavia é mais razoável que se analise comparativamente o religioso e o não religioso a partir do comportamento de cada um deles do que do juízo sobre quem está ou não ligado a Deus.

Usando o artifício da oposição como mecanismo de compreensão da religião, Agamben (2007, p. 66) conclui que:

(...) à religião não se opõe a incredulidade e a indiferença com relação ao divino, mas a “negligência”, uma atitude livre e “distraída” – ou seja, desvinculada da *religio* das normas – diante das coisas e do seu uso, diante das formas da separação e do seu significado. Profanar significa abrir a

possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.

Se religião é aquilo que transfere para uma esfera separada, qual é o dispositivo que realiza e regula essa separação? Lembrando-se que 'dispositivo', no sentido empregado por Agamben, é aquilo que tem a capacidade de interferir nos gestos, nas condutas, nas opiniões e nos discursos dos seres viventes.

Em 'O que é o contemporâneo? e outros ensaios', Agamben (2009) estabelece a relação entre religião e dispositivo por meio do termo *oikonomia*, que "significa em grego a administração do *oikos*, da casa e, mais geralmente, gestão, management". (AGAMBEN, 2009, p. 35). Esse sentido de *oikonomia*/gestão como uma práxis chegou à religião como resposta ao problema da possibilidade de a trindade reintroduzir o politeísmo e o paganismo na fé cristã. Nas palavras de Agamben (2009, p. 36):

teólogos como Tertuliano, Hipólito, Irineu e muitos outros não encontraram melhor maneira do que servirem do termo *oikonomia*. O argumento deste era mais ou menos o seguinte: "Deus, quanto ao seu ser e à sua substância, é, certamente, uno; mas quanto à sua *oikonomia*, isto é, ao modo em que administra a sua casa, a sua vida e o mundo que criou, é, ao contrário, tríplice. Como um bom pai pode confiar ao filho o desenvolvimento de certas funções e de certas tarefas, sem por isso perder o seu poder e a sua unidade, assim Deus confia a Cristo a 'economia', a administração e o governo da história dos homens.

Foi dessa forma que o termo *oikonomia* passou da noção de providência, para de governo salvífico do mundo e da história dos homens, tendo sido traduzido para os escritos dos padres latinos como *dispositio*. Eis a procedência do termo dispositivo empregado, alguns séculos mais tarde, por Foucault, como referência a uma *oikonomia*, isso é, "a um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens" (AGAMBEN, 2009, p. 39).

Retoma-se, neste ponto, a pergunta: qual é o dispositivo do qual a religião se utiliza para realizar e regular a separação para o sagrado? Não é outro senão o sacrifício. Religião, que é para Althusser um aparelho ideológico do Estado, é, nesse sentido, a estrutura para a ação do dispositivo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum, que é o sacrifício.

A operação que implica o sacrifício envolve dois elementos essenciais: o rito e o mito. O rito consiste no ato ou conjunto de atos que promovem a passagem de um estado para outro, e esse estado final consiste no mito que sustenta o rito. Sem o

mito, aquele rito tornar-se-ia um jogo qualquer. É o que explica Agamben (2007, p. 66) quando afirma que as esferas do sagrado e do jogo estão estreitamente vinculadas. Segundo o autor,

a maioria dos jogos que conhecemos deriva de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinatórias que outrora pertenciam à esfera religiosa em sentido amplo. Brincar de roda era originalmente um rito matrimonial; jogar com bola reproduz a luta dos deuses pela posse do sol; os jogos de azar derivam de práticas oraculares; o pião e o jogo de xadrez eram instrumentos de adivinhação.

Assim acontece, por exemplo, quando um jovem estudante de Direito cola grau e, após seu juramento, torna-se instantaneamente bacharel. A mudança de estado entre o que era antes do juramento e o que se tornou após realizá-lo é o mito da graduação, da obtenção do diploma, do tornar-se 'doutor', que sustenta o rito 'colação de grau'. Sem o mito, ninguém se submeteria ao uso de mantos negros e desconfortáveis (pelo menos para as altas temperaturas no Brasil), presos por uma faixa larga de cor específica, nem de capelos alugados, que não param na cabeça e, em geral, carregam o suor de uma porção de gente.

Da mesma forma, o casamento é o mito que sustenta o rito cartorário, documental da mudança na condição civil, ou religioso, que forma a aliança 'indissolúvel' entre duas pessoas. O recebimento da Carteira da Ordem dos Advogados do Brasil, que transforma o bacharel em advogado; a posse dos juízes, promotores, defensores e procuradores, que os transforma automaticamente em autoridades, são algumas das muitas práticas que reforçam a lista dos ritos-mitos modernos.

A sonhada sociedade sem classes, não implica, como explica Agamben (2007, p. 75), a abolição e perda da memória em relação às diferenças, mas a capacidade de desativar os dispositivos que separaram do livre uso aquelas coisas, ideias, pessoas e lugares. Para isso devem ser diferenciados dois processos que podem ser confundidos: a secularização e a profanação. Enquanto a secularização apenas transmuta a monarquia celeste em monarquia terrena, deixando intacto o seu poder, a profanação implica a neutralização daquilo que profana. Por isso, mais do que restituir um uso, é preciso devolver ao uso comum as coisas, os espaços, as pessoas e os lugares que os dispositivos confiscaram.

O ato sagrado (separado) só existe, portanto, na conjunção do mito com o rito. Por isso profanar consiste na quebra dessa unidade, desocultando o mito que sustenta o rito. A prática do rito sem a sustentação do mito é um ato de profanação

que permite o livre uso dos atos que constituem o rito, como a brincadeira de bola. Esse é o papel desempenhado pelo jogo: a quebra da unidade. No jogo subsiste apenas a metade da operação sagrada, ou só o mito ou só o rito.

Profanar é, portanto, uma tarefa política, pois, assim como a religião é mecanismo de separação, a economia, o direito, a ciência e a técnica vêm desenvolvendo seus mitos. O chamado à profanação não se limita à restauração do uso dado à coisa sagrada antes da sua sacralização, mas importa também em libertar o que foi sacralizado das restrições aos novos usos.

Citando Walter Benjamin, Agamben (2007, p. 70) parte da ideia de que o capitalismo é a religião moderna. De fato o capitalismo é capaz de abrigar, entre tantos outros, os mitos citados anteriormente. O problema maior é que, como religião, o capitalismo elevou a categoria de separação para seu mais alto grau de perfeição, criando algo da ordem do improfanável, como os mitos da felicidade, pelo rito do consumo; da beleza, pelo rito da padronização conforme um estereótipo; da nacionalidade, as diversas cerimônias do poder, o esporte, olimpíadas, mundiais de futebol e festas nacionais pelo rito da identidade forjada no imaginário; da soberania estatal, pelo rito da monarquia, das eleições e do poder de forma geral e assim por diante.

Com o grau de sofisticação da religião capitalismo, como profanar suas práticas? Como reduzir a sacralização ao livre uso como no jogo? Há uma imagem de Banksy que pode dizer muito sobre isso. Ela trata do mito da caridade. No mundo capitalista existem pessoas que são generosas e outras que simplesmente não se importam com a desgraça alheia. Ao contrário do que parece, os generosos são extremamente necessários para a manutenção do sistema, uma vez que reforçam o rito da contribuição, que sustenta o mito da caridade.

Aquele empresário bem sucedido que faz o 'sacrifício' de doar alguns milhões para hospitais, escolas, universidades ou qualquer instituição filantrópica, como o personagem de Richard Gere, Robert Miller, em 'A Negociação', são essenciais para a manutenção de instituições que dependam de caridade. Na imagem de Banksy, o mendigo pintado no muro alerta: "fique com as suas moedas, eu quero mudança".

**Figura 3 - Mito da caridade**

Fonte: Foto de Banksy, 2013

Ao expor o mito da caridade, Banksy transforma o rito da contribuição em um jogo de imagem e palavras, buscando neutralizar o dispositivo da bondade do homem moderno, capitalista, que orienta os gestos e as condutas desses seres viventes.

De forma ainda mais contundente, o mito da felicidade pode ser exposto por outra imagem de Banksy (2012, p. 191), em que uma criança está correndo de mãos dadas com o Mickey e o Ronald McDonald. Trata-se de uma montagem usando a célebre foto tirada em 8 de julho de 1972 por Huynh Cong Ut, que recebeu o prêmio Pulitzer de 1973. Na imagem premiada, a menina Kim Phuc, de 9 anos, aparece fugindo de um bombardeio com Napalm, durante a Guerra do Vietnã.

**Figura 4 - Mito da felicidade**

Fonte: BANKSY, 2012

**Figura 5 - A foto que chocou o mundo**



**Fonte: Foto de Huynh Cong Ut, 1972**

Qualquer professor universitário que quiser fazer uma experiência sobre o poder dos dispositivos pode preparar um material muito simples. Basta, em um arquivo de Power Point, alternar as seguintes imagens: Mickey Mouse, Salvador Allende, Ronald McDonald, Oscar Wilde, Michel Teló, Pedro Almodovar, Kate Middleton, Camilla Vallejo, Paulo Coelho e Guimarães Rosa. A experiência consiste em passar as imagens selecionadas e perguntar aos alunos de quem se trata em cada uma delas e depois observar e analisar o que pode explicar o fato de que a maioria dos jovens conhece o Mickey Mouse, o Ronald McDonald, o Michel Teló, a Kate Middleton e o Paulo Coelho, mas não reconhece Salvador Allende, Oscar Wilde, Pedro Almodovar, Camilla Vallejo e Guimarães Rosa.

O filme 'No', lançado recentemente, sobre o plebiscito histórico de 1988, que afastou o General Pinochet do governo do Chile, é outra triste demonstração do poder do dispositivo capitalista da 'felicidade'. No embate televisivo entre a propaganda do 'Si' (para permanência de Pinochet no poder) e do 'No' (para que deixasse o poder), embora o filme leve o telespectador desatento à impressão de que ganhou o 'No', o que ganhou, lamentavelmente, foi o *marketing* e a felicidade vendida na propaganda do 'No'. Profanar o capitalismo requer a neutralização desses dispositivos e não a incorporação deles. Não se profana o capitalismo com a apropriação dos seus dispositivos, como ocorre no filme 'No', mas com a neutralização deles, como faz Banksy ao sugerir que o 'McDia Feliz' esconde a criança que corre de mãos dadas com o Mickey e o Ronald.

Como a televisão, o governo, a nação, a internet, a escola, a religião, o exército, entre outros, são dispositivos que retiram do uso comum o processo de subjetivação, transferindo-o para quem controla tais dispositivos, a profanação

requer devolver a capacidade de subjetivação ao livre uso, de modo que não sejam mais os dispositivos, o ‘Sabichão’, ou o cavalariaço Quint, ou a propaganda da felicidade com o ‘No’, a ditarem a realidade.

‘*Apaga la TV. Enciende tu mente*’, é o apelo pintado em um muro de Marinaleda, na Andaluzia – Espanha, cidade que vem desenvolvendo uma experiência inusitada de neutralização dos dispositivos.

**Figura 7 - Neutralizando dispositivos**



Fonte: Foto da autora, 2012

Com menos de 3 mil habitantes, Marinaleda tornou-se conhecida pela sua experiência social baseada no que se vem chamando de profanação neste livro. Embora os dispositivos do sistema capitalista façam isso parecer impossível, Marinaleda é uma cidade onde não existe polícia, nem morador de rua, nem desempregado, nem indigente. Não porque se trata de uma cidade rica, ao contrário, trata-se de cidade predominantemente de agricultores, mas pela atitude tomada diante dos dispositivos, tanto na sua relação de poder (leis, instituições, economia etc.) como na relação de saber (discursos, proposições filosóficas, educação etc.).

Referindo-se à experiência de Marinaleda, José Luiz Quadros de Magalhães (2012, p. 135) ressalta que “o modelo de sociedade, de organização social e economia que vivemos, o sistema de repressão e controle (contenção de criminalidade) que experimentamos não é o único”.

A atitude revolucionária sugerida pela profanação se distingue da militância proposta por Marx no sentido de que não se baseia apenas na mudança das



condições materiais de existência, mas também na construção do simbólico. Em 'A ideologia Alemã', ao considerar a existência material como fonte da consciência invertida, Marx se empenhou em criticar a filosofia não engajada e, com isso, em combater a desigualdade material. Todavia, ao atribuir a fonte de todos os males à luta de classes, Marx negligenciou a importância do simbólico.

As últimas gerações de marxistas, no entanto, estão tendo o privilégio de aprender com a experiência do socialismo real de que, mais do que modificar as relações materiais de existência, é preciso atingir o simbólico, o desejo e o sagrado. É assim que Selvino J. Assmann refere-se, na introdução de 'Profanações' (AGAMBEN, 2007, p. 10), à tarefa política da geração que vem:

Trata-se de procurarmos libertar-nos da asfixia consumista em que estamos metidos, e se trata, ao mesmo tempo, de afastar-nos da sacralização do eu soberano de Descartes, e chamar a atenção para o impessoal, o obscuro, o pré-individual da vida de cada um de nós.

Como fazer isso? Bom, esta é uma questão que não se pretende esgotar no presente livro. No entanto, considerar-se-á como ponto de partida a sugestão de Selvino J. Assmann, na apresentação de 'Profanações', vale dizer, o abandono das soluções que foram apresentadas na modernidade. "Abandonar, por exemplo, a visão otimista da história humana; abandonar a aposta de que tudo pode ser resolvido através do cumprimento da norma, e por isso abandonar também a aposta no estado de direito" (AGAMBEN, 2006, p. 13) Para fazer isso, será atendido o apelo de Agamben à 'profanação do improfanável', que é profanar o Direito posto e a ciência cartesiana.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BANKSY. **Guerra e spray**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

LARRAIN, Jorge. Ideologia. *In: Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P. 183-187.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. Constitucionalismo e ideologia (uma discussão cinematográfica). *In: TROGO, Sebastião (Org.); COELHO, Nuno M. M. S. (Org.). Direito, filosofia e arte: ensaios de fenomenologia do conflito*. São Paulo: Rideel, 2012.

MARX e ENGELS. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

RORTY, Richard. Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática. *In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 227-233.

ŽIŽEK, Slavoj. O espectro da ideologia. *In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Pág. 07-38.

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp\\_viet\\_04.htm](http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_viet_04.htm) Acesso em: 15/01/2013

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=203431706425940&set=a.181412521961192.24456.181408415294936&type=1&theater> Acesso em: 15/01/2013